

31-mar-26

Objetivos e Política de Investimento

O objetivo do Fundo é o de alcançar, numa perspetiva de longo prazo, a valorização do capital com vista ao pagamento de pensões visando a maximização do bem-estar futuro dos Participantes que assumam uma perspetiva de valorização das suas poupanças a longo prazo. O Fundo adequa-se a investidores com tolerância ao risco (perfil de risco médio baixo) e que desejem ter uma maior diversificação dos seus investimentos numa ótica de valorização do seu capital a longo prazo.

Detalhe por Classe de Ativo

Classes	Benchmark	Alocação Central	Limites		Carteira Atual
			Min	Max	
Ações	60% MSCI Europe + 40% MSCI World	25%	10%	35%	26,5%
Taxa Fixa	30% EuroAgg Corp + 70%Euroagg Gov	55%	30%	75%	55,0%
Taxa Variável	BB Euro Floating Rate Note Index	15%	5%	40%	9,6%
Alternativos e Imob	Euribor 6 meses + 1%	5%	0%	10%	6,4%
Liquidez		0%	0%	10%	2,6%

Rendibilidade

Prazo	Fundo (Líquida)	Fundo (Bruta)	Benchmark	Relativa (Bruta)
YTD	-0,83%	-0,58%	-0,54%	-0,04%
Último ano	4,29%	5,38%	4,31%	1,03%
Últimos 3 anos	4,69%	5,79%	5,35%	0,42%
Últimos 5 anos	1,48%	2,55%	1,92%	0,62%
Últimos 10 anos	2,01%	3,01%	2,61%	0,39%
Desde Jun 2002	2,67%	3,58%	3,59%	-0,01%

(taxas anualizadas para períodos superiores a um ano)

A partir de 3 de Julho 2023 o valor da UP é calculado considerando a comissão de gestão total, conforme consta no Regulamento de Gestão. Para os dias anteriores a esta data foi estimado um valor da UP teórico que reflete os resgates de unidades de participação através dos quais era cobrada parte da comissão de gestão.

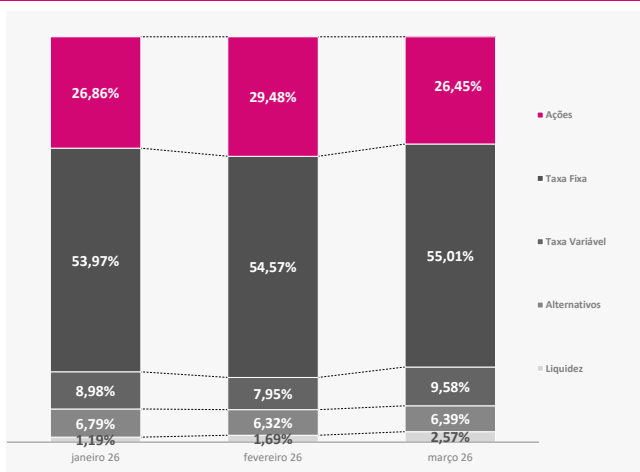
Evolução do Valor da Unidade de Participação



Informação sobre o Fundo

Classe de Risco	1	2	3	4	5	6	7
Data de início do Benchmark	30/Jun/02						
Valor Global do Fundo (Classe B)	126 881 691 €						
N.º de Unidades de Participação (Classe B)	8 100 940,15						
Valor de Unidade de Participação (Classe B)	15,6626 €						
Volatilidade (5 anos)	5,46%						

Evolução Mensal da Carteira (%)



Comentário de Mercado

O encerramento do Estreito de Ormuz desde o início de março está a provocar um conjunto de choques ao longo das cadeias globais de abastecimento, com impacto negativo sobre a economia mundial, colocando em causa a trajetória de crescimento esperada para este ano. Começam já a surgir revisões em baixa das previsões de crescimento para 2026, embora seja ainda prematuro traçar uma avaliação abrangente e definitiva do impacto global. Em paralelo, os dados de março apontam para uma aceleração significativa da inflação nas principais economias, enquanto os índices preliminares de gestores de compras (PMI) da S&P Global sinalizam uma renovação das pressões sobre os preços, tanto na indústria transformadora como nos serviços, à escala global.

Na Zona Euro, o início do ano tinha sido marcado por sinais encorajadores de recuperação económica; contudo, os primeiros dados apurados após o deflagar do conflito mostram uma deterioração rápida do enquadramento macroeconómico. A inflação homóloga acelerou de 1,9% para 2,5%, impulsionada sobretudo pela subida dos preços da energia, ao passo que os PMI compostos recuaram, refletindo uma desaceleração clara da atividade, em particular no sector dos serviços, reforçando os riscos de estagnação acompanhada de inflação persistente.

Nos Estados Unidos, começam igualmente a emergir sinais de abrandamento da atividade económica. O PMI composto desceu, penalizado pela redução do dinamismo nos serviços, enquanto as pressões inflacionistas voltaram a intensificar-se, com os preços à saída das fábricas já em aceleração nos dados de fevereiro, refletindo o aumento dos custos das matérias-primas. Paralelamente, a subida do preço da gasolina para níveis comparáveis aos observados durante a guerra na Ucrânia tende a penalizar o rendimento disponível dos consumidores, tornando provável uma moderação do consumo privado nos próximos meses.

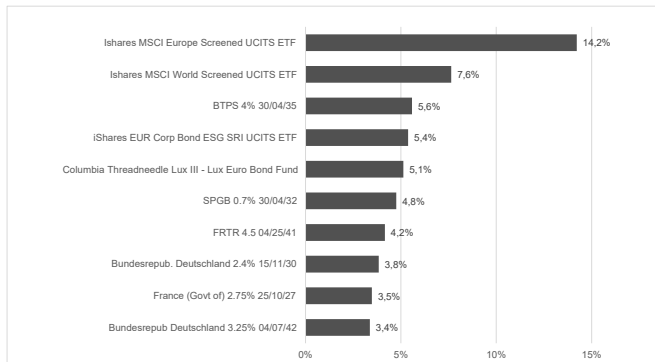
No espaço de apenas um mês, as expectativas de mercado relativamente ao BCE alteraram-se de forma significativa, passando de um cenário de estabilidade das taxas para a antecipação de duas subidas, com a primeira já esperada até ao final de abril. O BCE deverá acompanhar de perto os próximos dados para avaliar o risco de efeitos de segunda ordem. Em paralelo, a Reserva Federal deverá adiar o início dos cortes de taxas, mantendo uma postura cautelosa num contexto de pressões inflacionistas ainda elevadas.

Os principais índices acionistas apresentaram, no final do mês, um desempenho negativo, com o índice NASDAQ100 a descer 4,88% e o S&P500 a descer 5,09%, enquanto na Europa o índice Eurostoxx50 desceu 9,26%.

No mercado de obrigações, as yields da dívida pública alemã a 10 anos terminaram o mês nos 3,0%, subindo 35,9 pontos base. As obrigações do tesouro dos EUA a 10 anos subiram 37,9 pontos base, encerrando o mês com uma taxa de 4,32%.

O euro desvalorizou-se face ao dólar, terminando o mês com uma cotação de €1,155, apresentando uma descida de 2,19%.

Principais Títulos na Carteira



Comentário do Gestor

Em março, os mercados financeiros foram significativamente condicionados pela intensificação do conflito no Médio Oriente. A instabilidade na região provocou disrupções na produção de petróleo e gás natural, assim como constrangimentos relevantes na circulação marítima no Estreito de Ormuz, uma rota estratégica por onde transita cerca de 20% do comércio mundial de petróleo.

Este contexto conduziu a um aumento do risco geopolítico percecionado pelos investidores, desencadeando uma correção generalizada das principais classes de ativos (com exceção das matérias-primas associadas ao setor energético). No mercado acionista, assistiu-se a uma reversão das valorizações acumuladas no início do ano. Em simultâneo, o risco de pressões inflacionistas adicionais decorrentes deste "choque energético" penalizou o mercado obrigacionista, traduzindo-se numa subida das taxas de juro ao longo de toda a curva de rendimentos. No segmento dos investimentos alternativos, também os metais preciosos, nomeadamente ouro e prata, registaram desvalorizações. Este enquadramento contribuiu negativamente para o desempenho do fundo, revertendo os ganhos acumulados nos primeiros dois meses do ano. Durante o período, foi implementada uma redução tática da exposição ao mercado acionista, tendo-se igualmente aumentado a duração média da componente de dívida pública. Ainda assim, mantém-se a convicção de que uma estabilização do contexto geopolítico poderá criar condições para uma recuperação generalizada das principais classes de ativos.

Rendibilidades Históricas

- (i) Os dados históricos podem não constituir uma indicação fiável do perfil de risco futuro do Fundo;
- (ii) A classe de risco indicada, é calculada anualmente, com referência a 31 de dezembro de cada ano, não é garantida e pode variar ao longo do tempo;
- (iii) A classe de risco mais baixa não significa que se trate de um investimento isento de risco;
- (iv) As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rendimento futuro.

Outras Informações

O Fundo encontra-se sujeito à supervisão da Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões (ASF), onde se encontra registado com o n.º 235.

O Regulamento de Gestão encontra-se disponível em www.ageaspensoes.pt.

Entidade Gestora - Ageas - Sociedade Gestora de Fundos de Pensões, S.A., sede Praça Príncipe Perfeito 2, 1990-278 Lisboa. Matrícula / Pessoa Coletiva 503455229. CRC Lisboa. Capital Social 1.200.000 Euros. Registo ASF 3820. www.asf.com.pt

Depositário: Banco Comercial Português, S.A., Sociedade Aberta, com sede na Praça D. João I, no Porto.

Auditor: PricewaterhouseCoopers & Associado - Sociedade de Revisores Oficiais de Contas, Lda.